



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse da Diretoria da Federação das Indústrias do Estado
do Rio de Janeiro – Firjan**

Rio de Janeiro, RJ, 21 de outubro de 2004

Meu querido amigo Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente do
Sistema Firjan,

Meu caro Carlos Eduardo Moreira Ferreira, presidente em exercício da
CNI,

Meu caro companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro de Estado do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu amigo Walfrido Mares Guia, ministro de Estado do Turismo,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,

Meu caro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Jair Meneguelli, presidente do Sesi,

Senhores parlamentares,

Senador,

Deputados,

Deputadas,

Vereadores,

Prefeitos eleitos e não eleitos,

Meu querido companheiro Pitanga,

Minha querida companheira Benedita da Silva,

Empresários do Rio de Janeiro,

Meu caro Roger. Eu faço tanta reunião com o Roger que, de vez em
quando eu penso que ele é do governo. Eu esqueço que ele é da Companhia
Vale do Rio Doce.

Meus queridos amigos e amigas,



Eu estou aprendendo, nesse pouco tempo de governo que, muitas vezes, os meus discursos escritos têm que mudar a toda hora, porque os oradores que me antecedem são muito ecléticos e, portanto, não se discute o que eu pensava que nós íamos discutir. Mas eu também prefiro o improviso num ambiente de festa, num ambiente em que a gente encontra uma parcela significativa da sociedade do Rio de Janeiro preocupada, como nós, em tentar resolver os problemas mais graves que afligem esta população.

Eu penso que é importante, toda vez que a gente tiver que pensar em construir o amanhã, a gente imaginar o que foi o ontem, porque senão nós faremos avaliações precipitadas, julgamentos precipitados e, muitas vezes, exigiremos aquilo que deveríamos ter paciência para exigir.

Eu queria lembrar aos empresários brasileiros, aqui, no Rio de Janeiro, que o que parecia impossível aconteceu em apenas dez meses, que foi a reforma da Previdência e a reforma tributária. E é importante dizer que uma boa parte da reforma tributária, aquela pertinente aos estados brasileiros, não foi votada ainda porque não há concordância entre os governadores sobre a sua parte na política tributária, porque alguns ainda querem manter a guerra fiscal como forma de trazer benefícios para o seu estado.

O governo federal, na verdade, já cumpriu a sua parte. E mais ainda, sabem os empresários deste país que em nenhum momento, desde a proclamação da República, nem quando vocês tiveram empresários governando o Brasil, vocês tiveram tanto espaço para debater, formular, sugerir e ajudar em propostas como vocês estão tendo, agora, neste governo.

A CNI, possivelmente, seja a maior testemunha do espaço que nós temos criado para ouvir, não apenas através dos ministros, mas através do presidente da República e, em apenas 20 meses de governo, já fizemos duas reuniões com a totalidade dos presidentes das federações das indústrias deste país, coisa que não aconteceu nem quando o Roberto Simonsen era



presidente da Fiesp, ou seja, nem quando grandes empresários de nome que marcaram a história deste país, dirigiram os setores empresariais.

E por que nós fazemos isso? Eu sempre achei e continuo achando que um dos graves problemas do Brasil é a mediocridade política, de pensar um país, o estado ou a cidade, apenas durante o mandato da pessoa que está governando. Se isso acontece como acontece no Brasil, todas as tomadas de posição que temos são pequenas. Porque não é possível nem construir nem reconstruir o projeto de cidade, de estado ou de nação, se pensarmos apenas de 4 em 4 anos.

E pensar no médio ou longo prazo significa fazer com que cada projeto enviado ao Congresso Nacional seja resultado de um debate na sociedade e não o pensamento de um homem ou de um amigo do presidente ou de um amigo do governador, como eu já vi emendas em projetos de lei serem feitas atrás de cortinas, de palanques, de congressos da Previdência Social, feitos, como dizia o ditado, “nas coxas”. Um advogado fazer um artigo de lei, mandar para o Congresso, sem que houvesse nenhuma discussão.

Nós resolvemos mudar para que, ao deixarmos o governo, as pessoas passem a entender que aquilo não foi feito pelo presidente Lula ou pelo ministro tal; aquilo foi feito porque a sociedade brasileira assim o quis, exigiu, formulou, organizou e discutiu.

Vamos pegar dois exemplos: o projeto de Biossegurança. Eu mandei um projeto de Biossegurança para o Congresso Nacional, depois de 6 meses de discussão, porque diziam que não tinha soja transgênica no Brasil. Eu tomei posse no dia primeiro de janeiro e, em fevereiro, já sou pego com 9 milhões de toneladas de soja transgênica. Os mais afoitos queriam que eu orientasse o Ministro da Justiça a mandar a Polícia Federal queimar; outros queriam que eu deixasse vender sem nenhum critério. Prevaleceu o bom senso. Estabelecemos o direito à venda, uma parte para exportação, uma parte para a indústria brasileira, desde que, aquela que fosse utilizada internamente, fosse



rotulada como soja transgênica. E fizemos a medida provisória, permitindo o plantio na safra 2003/2004.

Nesse interregno de tempo, nós criamos um grupo de trabalho que envolveu “n” setores da sociedade, a começar pelas entidades empresariais do setor da agroindústria, do Ministério do Meio Ambiente e do Ministério da Agricultura e, em 6 meses, apresentamos um projeto que foi ao Congresso Nacional. Esse projeto foi votado no dia 4 de fevereiro na Câmara e, no dia 6 de fevereiro, ele entrou no Senado. Foi votado na semana passada e agora volta para a Câmara dos Deputados porque houve mudanças substanciais no projeto.

O Projeto de PPP. Não foi um projeto construído pelo ministro Guido Mantega ou pelo ministro Furlan ou pelo ministro Palocci. Foi um projeto em que nós ouvimos muita gente. Este projeto está na Câmara dos Deputados, aprovado, está no Senado já há algum tempo. Eu não sei se tem problemas políticos, não sei se estão pensando nas eleições de 2006. O dado concreto é que a cada dia que nós deixarmos de votar um projeto desse, nós estamos jogando no ralo a oportunidade da boa parceria entre a iniciativa privada e o poder público. E não é um projeto para o governo do presidente Lula, é um projeto para o futuro deste país, pensado para os próximos 20 anos. Porque todo mundo sabe que não basta aprovar o PPP, depois de aprovado, é preciso muita discussão para que a gente possa tornar possíveis de executar os projetos que são considerados prioritários para este país. Porque entre pensar um projeto e executá-lo, contratar o projeto, fazer licitação, todo mundo sabe que leva um bom tempo e que, portanto, nós não temos tempo a perder.

Então, eu não consigo entender porque este projeto não é aprovado e depois nós temos “n” formas, desde o Tribunal de Contas, a legislação, o próprio Congresso para fiscalizar se houve ou se vai haver algum desvio. Lamentavelmente, nós estamos retardando um pouco, porque acabou aquele momento em que as decisões tomadas por algumas áreas do desenvolvimento



do Brasil eram pensadas de forma ideológica. “Ah, saneamento básico tem que ser do Estado”. Tem que ser do Estado, quando o Estado tem dinheiro para fazer porque, normalmente, quem diz que tem que ser do Estado nunca pisou no barro, nunca pisou em esgoto a céu aberto, nunca tomou água de açude com verme, como toma a maioria do povo pobre. Então, a pessoa ideologiza dizendo: “tem que ser do Estado”, mas não diz onde vai arrecadar dinheiro para o Estado fazer.

Para o povo o que interessa, na verdade, é o seguinte: “eu estou pisando no asfalto? A água da minha casa é de qualidade? O esgoto está sendo recolhido e sendo tratado?” Ele não quer saber quem fez, se é torcedor do Flamengo, do Vasco, do Fluminense ou do Botafogo, muito menos do meu Corinthians, ele quer saber que ele é beneficiário de uma obra feita por alguém, mas que ele vai usufruir dela.

Lamentavelmente, vocês acompanharam quando fizemos a reforma da Previdência; não tem país do mundo em que reforma da Previdência não tenha problema, porque você está mexendo com hábitos, você está mexendo com direitos, você está mexendo com conquistas. Agora, muitas vezes, eu estranhava pessoas muito inteligentes – porque para tudo alguém tenta tirar um proveito político, pensando nas próximas eleições – não perceberem que quando o sistema previdenciário brasileiro foi criado, a idade média das pessoas era 52 anos, e que hoje é de 70 anos, portanto, nenhum sistema previdenciário vai sobreviver se as pessoas passarem a receber da Previdência mais tempo do que elas contribuíram. A expectativa de vida das pessoas aumentou, a saúde do povo aumentou, em muitos lugares, e é engraçado porque vale para todo mundo.

Eu, quando vejo um intelectual da universidade, um professor se aposentar com 50 anos de idade, eu fico pensando: está certo que um jogador de bola, aos 30, está ficando velho, está certo que um bispo, aos 75, tem que se aposentar, e também acho que nem o presidente deveria ser depois de



determinada idade. Mas, meu Deus do céu, o ser humano atinge o ápice da sua capacidade intelectual aos 50 anos, é quando ele está, eu diria, maduro, pronto, aí se aposenta. Não é possível.

Então, a mudança, tem que ser pensada para o futuro deste país e não para aqueles que estão vivendo hoje. E sempre é muito difícil, meu caro Eduardo.

Está aqui o Ministro à mesa e está o outro Ministro, ali. O que era o turismo neste país antes do companheiro Walfrido assumir? Nós temos que tomar muito cuidado com o que falamos, com o que publicamos e, muitas vezes, até com o que pensamos, porque as nossas palavras são captadas no exterior da forma e do interesse político deles, na competitividade conosco.

Por que os europeus ou outros setores do mundo desenvolvimento não estão investindo tudo aquilo que nós gostaríamos que investissem? Primeiro, porque nós tomamos a decisão de que não íamos mais vender empresa pública. E essa decisão faz com que não entrasse dinheiro. Quando tínhamos muitas empresas para vender, entraram 90 bilhões de dólares neste país, e o que se fez com esse dinheiro?

Nós resolvemos fazer com que a imagem do Brasil mostrada no exterior, sem deixar de dizer a verdade, seja a imagem real do Brasil. É verdade que o Brasil tem violência, é verdade que o Brasil tem isso, mas o Brasil é um país que tem muitas outras coisas que nós precisamos mostrar cotidianamente. E muitas vezes não mostramos, meu caro Eduardo. É verdade que um país do porte do Brasil precisa de tecnologia chinesa para que a gente faça o lançamento do nosso foguete, mas é verdade também que nós temos tecnologia para colocar a Embraer lá dentro e ensiná-los a produzir avião.

É verdade que os chineses são bons parceiros e que nós queremos que as indústrias brasileiras, quantas quiserem, façam parcerias com os chineses, mas é verdade também que os chineses têm que vir aqui e fazer parceria com os nossos empresários.



É verdade que nós queremos parcerias com o mundo desenvolvido, mas queremos que as nossas indústrias tenham condições e sejam respeitadas tanto quanto eles querem que a deles sejam lá fora, seja no Japão, na Alemanha, na China, na Rússia, ou em qualquer país. Eu vou contar um dado para vocês. O Brasil passou 27 anos tentando vender manga para o Japão e não conseguiu. O Japão sempre colocava um obstáculo, da falta de controle fitossanitário, da mosca, não sei das quantas. Recentemente esteve aqui o primeiro-ministro do Japão, o Koizumi, e a primeira coisa que eu perguntei foi da manga. No Itamaraty, manga de sobremesa, até que o ministro falou: “nós vamos comprar manga brasileira”. E como eu estou indo ao Japão em maio, eu vou levar não só a manga, mas vou levar algumas coisas que ele precisa saber que nós temos, porque não é possível que alguém coloque obstáculo à carne brasileira, não é possível. Possivelmente, porque nunca comeram uma picanha do jeito que nós sabemos assar ou nunca comeram uma costela bem feita.

Nós temos que fazer. O Presidente da China vai vir aqui no dia 12 de novembro, vai ter toda a recepção formal, protocolar, mas ele vai à minha casa comer uma carne boa para saber como a carne brasileira fará bem para os chineses. E essas coisas só podem ser feitas se nós acreditarmos.

Durante muitos e muitos anos, meu caro Eduardo, embora a gente tivesse conquistado a independência do Brasil, em 1822, a verdade é que a cabeça da elite pensante deste país era colonizada. Nós tínhamos uma loucura de só olhar os Estados Unidos e a Europa e esquecer que a geografia comercial do mundo muda na medida em que você encontra novos parceiros, e foi isso que nós fizemos.

Neste pouco tempo de governo, a nossa relação comercial com a América do Sul cresceu 73%, com o Oriente Médio cresceu 53%. Por que os árabes têm que gastar tanto dinheiro nos Estados Unidos e não um pouco no Brasil se, na hora de morar, o Brasil é um país acolhedor, fantasticamente acolhedor, onde você não vê uma briga entre árabe e judeu? Quem mora em



São Paulo e aqui no Rio de Janeiro sabe como vivem bem. E por que na hora de fazer investimentos, tirar férias vão para outro lugar e não vêm para o Brasil? Porque, possivelmente, a visão do Brasil que eles têm seja a visão do perigo, a visão de alguém que não quer que eles venham e fica mostrando para eles.

Eu não tive dúvida. Dom Pedro, em 1876, foi o último chefe de Estado a visitar o Líbano, como foi na Finlândia também, onde nós vamos no ano que vem. Eu falei: vamos visitar o Oriente Médio. Vamos mostrar para eles que nós existimos, vamos mostrar que aqui nós temos Foz do Iguaçu, que é mais bonita que o Niágara, vamos mostrar para eles saberem o que nós temos. Que nós temos mão-de-obra qualificada, que nós sabemos produzir carros de qualidade, que nós temos tecnologia. Nós não somos apenas um mero exportador de produtos *in natura*, nós poderemos competir em muitas outras áreas com qualquer país do mundo, mas nós temos que acreditar e nós temos que fazer.

A gente não pode ficar como uma madona, reclamando a vida inteira. Nós temos que fazer acontecer, nós temos que levantar a cabeça e dizer o que está reservado para nós. É por isso que, quando eu tomei posse, tomei a decisão de não ficar falando do governo passado, porque o povo não me elegeu para ficar dizendo: porque o governo passado não fez isso, porque no governo passado... o julgamento do governo passado o povo deu nas eleições. Então, o meu papel era dizer o que eu vou fazer. Porque daqui a dois anos eu vou ser julgado e, diferentemente de outros presidentes deste país, eu tenho que provar, todo santo dia, que nós temos capacidade de governar. Outros que entraram, que roubaram, não provaram nada, porque não tinham compromisso, saíram deste país, do governo, iam tirar férias e acabou, entrava outro. O povo estava acostumado. Eu tenho que provar. Por que eu tenho que provar? Porque eu acho que os trabalhadores brasileiros, com a minha eleição, adquiriram consciência que eles têm que provar que tem mais competência do



que muita gente que parecia que tinha competência, neste país, sobretudo para exercitar a democracia.

O nosso Plano Plurianual, meu caro Eduardo, que está no Congresso Nacional, ouviu 2.170 entidades da sociedade civil. Nós já fizemos 12 conferências nacionais sobre todos os temas, precedidas de conferências estaduais e de conferências municipais. Tudo isso dentro de uma visão de que o que nós queremos plantar é uma coisa mais duradoura, é uma coisa que dure 20 anos, porque esse é o ciclo de crescimento que nós queremos consagrar no Brasil, não é o crescimento “vão de galinha.”

Minha mãe, coitada, que morreu analfabeta com 64 anos, muitas vezes, quando alguém dava uma notícia para ela: “dona Lindu, tal pessoa sarou,” ela falava: “é, quando a pessoa está muito ruim e tem essa melhora, é porque a morte vem depois.” Nós não queremos isso. Eu não quero brincar com a economia brasileira, eu não quero tomar nenhuma atitude que signifique um gesto eleitoral.

Quando tomei a decisão, na semana passada, há 15 dias, de aumentar o superávit primário, não faltaram amigos e companheiros dizendo: “Mas presidente Lula, aumentar o superávit primário agora, faltando dois meses para as eleições, um mês para as eleições.” Eu tinha dito antes: a eleição municipal, por mais importante que seja, não irá fazer com que o governo tome nenhuma atitude em função dela, porque o Brasil já perdeu duas vezes por decisões pensadas eleitoralmente. O presidente Fernando Henrique Cardoso, nas eleições de 1998, na reeleição dele, se tivesse discutido a questão dos juros no momento certo, se tivesse mudado a política cambial como nós queríamos, 10 bilhões de dólares não teriam fugido deste país, em poucas horas.

Da mesma forma que nas eleições de 2002, se não teimasse em manter os juros de 15%, por conta da questão eleitoral, não seria obrigado, depois das eleições, a elevá-los para 25%.

Quando eu fiz o superávit primário, eu disse para os meus



companheiros: ministros, nós vamos fazer o superávit primário porque vão sobrar 3 ou 4 bilhões de reais e eu não vou jogar no ralo, sem ter projeto definido, distribuindo de forma aleatória para os ministros. E eu aprendi isso com a minha mulher. Eu disse ontem na Feira do Automóvel, que quando a gente trabalha numa fábrica, recebe no final do ano o 13º, no mês de dezembro, férias e, às vezes, recebe até uma parte das férias do ano seguinte. Então, chega em casa com um bolão de dinheiro assim. E pior, não desconta Imposto de Renda da maioria, não desconta nada. Aí, a gente fica feliz. Tem gente que vai na loja, gasta o que tem e o que não tem. Quando chega em janeiro, vem só um pouquinho assim, e ainda vem descontado todo o imposto. A gente passa até o meio do ano seguinte para poder pagar, outra vez, a nossa conta.

E a dona Marisa, quando eu chegava com o meu dinheiro, falava: “não”. Mas o moleque está precisando disso, Marisa, vamos comprar. Ela falava: “não”. Se tem dinheiro a mais, vamos pagar uma prestação a mais que nós devemos, para que a gente não fique sufocado no mês seguinte. Foi por conta disso que eu não tive nenhum problema em aumentar em 0,25% o superávit, para resolver um problema de dinheiro que eu não tinha projetado e que entrou a mais. Por que eu vou gastar de forma aleatória? Por que eu vou jogar fora, sem projeto? Eu tomei a atitude de dizer: nós ganharemos mais credibilidade agindo com seriedade do que se a gente, “porque faltam três dias para as eleições”, não fizer as coisas. “Eu vou jogar tudo embaixo do tapete, depois das eleições a gente aflora isso.” O povo está cansado. Esse povo não pode viver subordinado a mentiras. Já mentiram demais, já prometeram demais, já falaram demais e este povo continua, a cada dia, vendo que a sua situação está mais difícil. Eu confesso uma coisa a vocês, eu tive a impressão, quando cheguei ao governo, que o Brasil era como uma casa. Vocês já entraram numa casa em que você chega no banheiro e a descarga não está funcionando, a torneira da pia está com um monte de pano enrolado e está pingando,



vazando, quando na verdade, uma borrachinha para consertar custa, acho, 10, 15 centavos? O Brasil é um pouco isso.

Nós, agora, fizemos um grupo de trabalho, o Furlan participou, para cuidar dos portos brasileiros, e resolvemos que até 2006 vamos colocar 273 milhões, além das medidas que nós tomamos para reduzir tributos na área de importação de máquinas, de equipamentos para os portos brasileiros, porque não adianta continuar a crescer, como estão crescendo as exportações se a gente não tiver como escoar essa nossa produção. Portanto, nós estamos tomando as medidas no tempo certo, na hora certa, sem o pulsar do interesse para 2006, do interesse para 2004 ou do interesse para qualquer outra eleição.

Eu digo sempre: a única coisa que eu desejo é, no dia em que eu deixar o governo, poder ser convidado para vir aqui e poder tratar vocês como companheiros como eu tratava antes das eleições e ser tratado como fui, aqui. É a conquista do direito de andar de cabeça erguida, de fazer as coisas certas, de fazer as coisas pensando no coletivo e no conjunto da sociedade e não fazer as coisas pensando numa próxima eleição.

Eu tenho um amigo, dos melhores amigos, que foi eleito deputado junto comigo em 1986. Nós tomamos posse, ele era constituinte e esse rapaz ficava “doente”. Tudo que ele fazia ele pensava na reeleição dele, tudo, não tinha um gesto que ele fizesse que não fosse pensando na reeleição, ele estava ficando “doente”. Um dia, eu o convidei para ir almoçar em casa e falei: meu amigo, pelo amor de Deus, esquece a eleição que vem, trabalhe agora porque se você trabalhar direito, plantar direito, certamente vai colher uma boa safra, não pense na eleição; ele deixou de pensar nas eleições e foi um bom deputado durante muitos e muitos anos, até virar meu ministro.

No Brasil, nós temos o hábito de o governo municipal não poder fazer uma coisa e culpar o governo estadual; aí o governo estadual não consegue fazer e culpa o governo federal; o governo federal não pode fazer e não tem a quem culpar, ou devolve para o município. O problema não é desse ou daquele



ente federativo, o problema é da ausência de bom senso. Ninguém é o único titular da responsabilidade de resolver este ou aquele problema. Ficaria muito mais fácil resolver se nós todos, municípios, estados e União, assumíssemos de forma tripartite, com a sociedade, um jeito de encontrar soluções e a execução dessas soluções.

Aí, entra a questão da segurança. Eu falo sem medo de errar para vocês, com respeito a todos os ministros que passaram pelo Ministério da Justiça: poucas vezes na história deste país teve um ministro da qualidade do Márcio Thomaz Bastos, poucas vezes. Um homem em que cada palavra é medida, não faz da segurança pública um carnaval. Essas operações da Polícia Federal, que têm desvendado coisas “cabeludas”, como a “Operação Vampiro”, a “Anaconda”, como essa de Manaus agora, vocês não vêem o Márcio dar entrevistas, porque o papel dele é apresentar resultados. Combater o narcotráfico hoje, meu caro, não é com a polícia que foi preparada, historicamente, para enfrentar ladrão de galinha; combater o narcotráfico, hoje, é sobretudo investir na inteligência. Para prender um bandido hoje, você não precisa de mil policiais, você pode ter dois e fazer o mesmo trabalho se trabalhar com inteligência.

E é isso que o Márcio Thomaz Bastos está fazendo e o resultado disso não vai aparecer nem ontem nem amanhã, é um processo porque o crime organizado é uma indústria multinacional, muito rentável. Ela tem o seu braço no Judiciário, ela tem o seu braço empresarial, ela tem o seu braço político, ela tem o seu braço em muitos lugares onde a gente pensa que só tem gente boa. E combater esse crime organizado é uma tarefa muito mais de inteligência do que de força bruta. Força bruta poderia valer em outros momentos históricos, agora, é inteligência.

E eu não tenho dúvida que nós, brasileiros, vamos colher todo o trabalho que está sendo preparado e executado pelo Ministro. Nós não tínhamos sequer fiscalização. O cidadão rouba aqui, no Rio de Janeiro, vai para São Paulo e tira



outra identidade. Ele passa na Polícia Rodoviária, pedem o documento dele, ele dá o documento, é um bom cidadão, passa e vai roubar o outro dali a três minutos.

Bem, nós estamos certos de que as políticas que estamos colocando em prática são aquelas que vão colocar o Brasil num novo rumo. Eu me lembro da alegria do companheiro Armando Monteiro, quando, numa primeira reunião conosco, reivindicava a participação dos empresários na elaboração das políticas de desenvolvimento. E uma semana depois ele era convidado, porque nós queríamos um Conselho de Desenvolvimento com a participação de 11 ministros e de 11 representantes da sociedade, dos quais 8 são representantes dos empresários, que já produziram frutos extraordinários.

É por isso que o ministro Palocci, na semana passada, há quinze dias, apresentou, numa reunião com empresários, 21 medidas que foram sugestões, muitas delas, desse Conselho, para que a gente pudesse fazer redução de determinados tributos, inclusive com a lei da afetação, para a construção civil brasileira poder voltar a investir, porque durante muitos anos ela caiu 7%.

E eu queria dar uma boa notícia: a construção civil que, ano passado, tinha mandado embora quase 59 mil trabalhadores, este ano já contratou 90 mil novos. Mas a boa notícia mesmo não é essa, é que do dia 1º de janeiro ao dia 30 de setembro, entre trabalhadores demitidos e admitidos, sem contar a empresa doméstica, sem contar o servidor público, nós já temos contabilizado 1 milhão, 666 mil, 188 novos empregos formais com carteira profissional assinada. O que é importante é que a maioria desses empregos está sendo contabilizada no interior, em cidades de porte médio, onde tem mais tranquilidade, onde não tem problema de transporte, não tem problema de violência, não tem vários problemas, que tem numa cidade grande. E isso não é mau para o Brasil. Não. Isso é bom para o Brasil. Levar o desenvolvimento, espaiá-lo para todo o território nacional é uma coisa extraordinária.

Eu não vou falar das exportações, porque eu tenho um champanhe guardado,



que eu ganhei para estourar no dia da minha vitória. Eu falei para o Furlan: vou guardá-lo para a gente colocar na geladeira, para o dia em que a gente chegar aos 100 bilhões de dólares de exportação. E, obviamente, eu falo com essa euforia da exportação, porque, no Brasil, sempre se trabalhou com a política do “8 ou 80”, ou seja, no Brasil era assim, no mês de janeiro, o governo falava: “tudo para a exportação.” Aí trancava o mercado interno, aí era o ano inteiro para exportação. No ano seguinte falava: “agora é tudo para o mercado interno”, fechavam as exportações. Nós queremos provar que é possível compatibilizar os dois, de que é possível a gente continuar crescendo para a exportação e que é possível a gente fortalecer o mercado interno brasileiro.

Eu não ia falar, mas vou dar um dado aqui. Eu fico pensando, todo mundo fala de juros. Eu de vez em quando vejo meus companheiros fazerem o discurso: porque os juros... a taxa selic está muito alta “não sei mais das quantas”. Agora, é engraçado, porque o consumidor ia num lugar comprar uma geladeira, ele pagava 150% de juros, e eu nunca vi ninguém defender o consumidor. Por que ele está sendo esbulhado em 150%? Então, o que nós fizemos? Eu aprendi isso numa reunião, Eduardo, aprendi numa reunião com o Sistema Financeiro e com os empresários da construção civil. Por que a gente não pode baratear os juros para o consumidor? O que nós fizemos? Fizemos a primeira tomada de posição num acordo com as centrais sindicais e demos o holerite de pagamento como garantia. Ou seja, fizemos contratos com todos os bancos que variam de 1,75% a 2,8% de juros. Então o trabalhador vai lá, pega o seu dinheiro e compra o produto à vista pois é melhor para ele se os juros estiverem altos.

Esta semana fizemos com os aposentados. São 20 milhões de aposentados que vão poder ir ao banco, tomar dinheiro a 1,75% a 2%, fugir do cartão de crédito, do cheque especial, e essas pessoas vão poder pagar no máximo 30% daquilo que recebem, porque a gente não quer comprometer o salário dele, e vamos colocar dinheiro no mercado para circular neste país,



porque não pode ter um país capitalista sem capital, e nós queremos que tenha.

O nosso amigo Roger tem participado conosco de muitas empreitadas e sabe que a possibilidade de as coisas acontecerem são excepcionais. Todo mundo sabe. Quando da campanha, eu queria um secretário de comércio que fosse um mascate, toda vez que eu falo de mascate eu me lembro da minha mãe. Porque chegava lá o cidadão com uma sacola cheia de peças de roupas, batia palmas e minha mãe dizia: “não, não quero, eu não tenho dinheiro” Aí, dali a pouco minha mãe entrava com uns panos embaixo do braço e com 12 prestaçõesinhas para pagar não sei de quanto. Eu imaginava um homem desse para o nosso comércio exterior.

E tive a sorte de encontrar o Furlan. Ou seja, foi um empresário bem-sucedido enquanto exerceu a sua função de empresário, e é um mascate enquanto representante do governo. Eu, de vez em quando, o alerto: Furlan, vai devagar porque comércio exterior é uma via de duas mãos, a gente tem que vender mas também tem que comprar, porque senão a gente sufoca os nossos parceiros.

É preciso que haja um equilíbrio neste comércio exterior e eu acho que nesse ponto a nossa política de comércio exterior está vivendo um dos seus melhores momentos e ainda pode crescer muito mais, sabendo, não é Furlan, que as coisas são mais difíceis porque a Europa, hoje, desde que caiu o muro de Berlim, está preocupada com os seus parceiros, que eram da América, da Europa oriental. Até porque entraram mais 10 países na União Européia e ela tem que se preocupar com eles primeiro, antes de se preocupar com outro país. Também temos consciência de que em função dessa competitividade, temos que trabalhar melhor os ajustes internos para que a gente possa convencer alguém a vir para o Brasil. Acabou aquele tempo. O cara para vir hoje, aqui, ele quer saber se a mão-de-obra está qualificada, quer saber se tem infra-estrutura e quer saber se tem mercado para o seu produto. Se nós não



oferecermos isso, apenas com a cara do Presidente não se resolve. E nesse aspecto nós estamos com o nosso amigo Furlan, com a participação de vários empresários. Eu tenho provocado, a boa provocação, os nossos empresários, para que viajem, não fiquem esperando alguém vir comprar, vá lá fora vender, acredite no que é seu. Temos feito de tudo.

O turismo, então, eu nem falo. Nós temos um compromisso e este ano vamos bater uma série de recordes na questão do turismo, porque nós temos que mostrar as coisas boas que nós temos. As coisas ruins os adversários mostram. Isso é que nem política. Se um político não mostrar o que ele está fazendo de bom, o de ruim podem ficar certos que a oposição está guardando e, na época da campanha, aparecem coisas das quais você nem lembra mais. Então, trate de ser esperto e mostre a coisa que está fazendo, senão o pessoal te pega.

Vejam, eu sou um homem que tenho pautado a minha vida pela paciência, pela vontade de encontrar soluções. Eu aprendi isso no movimento sindical, está aqui o Meneguelli que conviveu comigo negociando, conversando. Uma boa prosa não faz mal a um político. É preciso parar com essa história de “quem quer ser o pai da criança”, o que importa é que a criança seja cuidada. E, de preferência, se o pai e a mãe trabalharem juntos vai ter menos trabalho, individualmente, cada um; a criança vai ser melhor cuidada.

O Rio de Janeiro, todo presidente já disse isso, é um estado especial, e a cidade é muito mais especial ainda, porque é o grande cartão postal que o mundo conhece. Acontece que os problemas do Rio de Janeiro, também não são culpa de um ou de outro governador. É um acúmulo de problemas provocado pelo crescimento desordenado do estado. E aí, quando eu falo em crescimento de forma desordenada, vale para o Brasil inteiro. Eu, de vez em quando, fico pensando na irresponsabilidade de um administrador público que deixa os caras construírem cem barracos na rua principal da sua cidade.



Depois que constrói cem, fica difícil tirar, mas quando se constrói o primeiro é possível tirar e acertar o lugar para essas pessoas irem morar mais decentemente. Mas sabem, os empresários que nós temos, tomados algumas coisas que eu vou terminar com isso.

Primeiro, os companheiros do Rio de Janeiro não vão perder por esperar as coisas que vão acontecer no Rio de Janeiro. A Petrobras, somente a Petrobras, tem previsto até 2010, investimentos de 53 bilhões de dólares, dos quais 80% serão feitos no Brasil. E desses 80%, somente o estado do Rio de Janeiro receberá 29 bilhões de dólares de investimento. Portanto, eu acho que o Rio de Janeiro vai receber muitos investimentos para o pólo petroquímico, para a indústria naval, que já está recebendo, para a construção de navios de plataforma e para fazer a prospecção de petróleo que precisamos fazer.

Ao mesmo tempo, todo mundo sabe da briga do dinheiro do fundo da Marinha Mercante. Os companheiros da indústria naval sabem, todo mundo queria que o governo fizesse um fundo de aval. E por que nós não fizemos o fundo de aval e eu vetei? É porque se fizéssemos entraria no superávit primário. E, portanto, seria fingir fazer. O que nós preferimos fazer? Assumimos a responsabilidade, porque os empresários diziam que o seguro não poderia ser feito porque a taxa de juros era muito alta e, internacionalmente, era mais barata.

Qual foi o compromisso que nós assumimos, Eduardo? Liguei para o Eduardo, liguei para vários outros setores e disse o seguinte: o governo federal assume a responsabilidade para equalizar os juros, ou seja, nós assumimos a diferença entre os juros praticado pelo Instituto de Resseguros do Brasil, que é o IRB, e o juro internacional para fazer seguro. E vocês pagam apenas o juro internacional.

A impressão que eu tenho é que, dentro de poucos dias, a indústria naval poderá, definitivamente, começar a utilizar o dinheiro da Marinha Mercante para que a gente possa fazer as obras que têm que ser feitas, e



recuperar não só a nossa indústria naval, mas também a nossa Marinha Mercante, porque não é possível a gente continuar gastando o que gasta com fretes neste país.

Por outro lado, tem uma coisa que eu sei que é o sonho de todo mundo, que é o arco rodoviário. Esse arco também está numa fase de estudo de tráfego e viabilidade, pois o Ministério dos Transportes anterior tinha feito um acordo com o governo do estado. Tem muitos empresários participando desse estudo. Na reunião que nós fizemos de infra-estrutura, na semana passada, eu penso que logo, logo nós temos essa obra à nossa conta e, certamente, essa obra será uma alavanca muito grande para o bom desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro.

E, por último, quero dizer a vocês da nossa política social e dizer da alegria com que eu apareci naquela televisão, naquela formação dos alunos da Firjan. Não é habitual um presidente da República vir à posse de federação de indústria, a não ser quando a Fiesp convocava, porque era muito poderosa, aí vinha. Mas no Rio de Janeiro não era habitual, nunca veio. É engraçado porque em todo lugar que eu vou as pessoas falam: “é a primeira vez que vem um presidente aqui.” Então, eu estou aqui muito mais em agradecimento a vocês, porque eu acho que a política social da Firjan, a preocupação da Firjan com a formação técnica, com a formação educacional e a gratidão que vocês me deram com aquele curso de alfabetização, em que eu tive o prazer de participar, é algo que apenas confirma aquilo que eu acredito: o Estado, sozinho, não tem condições de resolver grande parte dos problemas acumulados durante décadas e décadas. A sociedade brasileira precisa ser parceira e assumir uma tarefa.

Às vezes, fazer uma coisa por uma ONG, ou por uma entidade, é muito mais barato, muito mais fácil e muito mais eficaz do que fazer pelo aparelho, muitas vezes tecnocrático e burocrático, do Estado brasileiro. É por isso que eu vim na posse de hoje. É um agradecimento ao trabalho que vocês vêm



fazendo. Eu acho que é um trabalho muito importante. Eu acho que vocês devem continuar fazendo muito mais, até eu ser convidado daqui a alguns meses.

Nós aumentamos de seis para oito meses o curso de alfabetização do MEC, porque também nós não queremos brincar de alfabetizar, dar um diploma para uma pessoa que não aprendeu nada. Então, nós preferimos aumentar um pouco, mas qualificar melhor a formação, porque a alegria estampada no rosto daquelas pessoas pobres que falaram ali, ou seja, o fato de elas aprenderem a escrever o nome delas tem a mesma importância que tem para um de vocês, quando viram o filho de vocês se formar em engenharia, em advocacia ou coisa parecida. Essa gente precisa de pouco, essa gente reivindica pouco e essa gente precisa muito menos do que a gente pensa que elas precisam.

E eu acho que o trabalho que vocês fizeram é exemplar. Eu espero que outras entidades empresariais também façam. Está aqui o Meneguelli que sabe da parceria do Sesi com o governo federal para fazer políticas sociais. Esta semana o Sesi entregou caminhões-cozinha para ensinar as pessoas a aproveitarem melhor aquilo que têm para comer. Eu comi tanta coisa que eu jamais imaginei que pudesse comer: doce de casca de abóbora, doce de casca de melancia, de coisas que eu achei que era para jogar fora. E as mulheres provam que aquilo tem as calorias necessárias, tem a substância, como diria o nordestino, a substância necessária para a gente poder comer bem e viver melhor.

Eduardo, eu ainda tenho que ir ao Encontro de Turismo, mas eu diria que se eu não tivesse mais nada para fazer hoje, eu já teria ganho o meu dia honestamente, participando da sua posse e da sua diretoria.

Eu quero que vocês pensem de forma positiva, acreditem que este país pode ser muito maior e muito mais importante do que ele é. Somente nós é que não nos valorizamos.

Eu tenho feito, sistematicamente, reuniões com empresas



multinacionais. Ainda ontem eu estive com a Telefônica, da Espanha, e eles diziam: “o trabalhador brasileiro é tão competente, é tão qualificado, que em todos os lugares do mundo em que nós estamos, onde a gente ganha mais por trabalhador é aqui, no Brasil.”

A Mercedes-Benz já disse isso na Alemanha, em Genebra. A Ford disse isso em Nova Iorque. Então, um país que tem um povo maravilhoso como este, tem problema de violência? Tem. Tem problema de prostituição? Tem. Nós vamos ter que combater isso com muita dureza. Mas nós temos isso e muito mais coisas. Nós não somos apenas o país do futebol e do carnaval, o país da criança de rua. Nós somos isso também, mas nós temos tantas outras coisas para mostrar.

Eu fui, agora, participar das Olimpíadas da Matemática. Recebi no meu gabinete a molecada que venceu. Recebi um moleque de 16 anos, que está fazendo doutorado em matemática, com 16 anos de idade, não é pouca coisa. Eu fui, agora, receber os atletas paraolímpicos. Aquele Clodoaldo, seis medalhas de ouro e uma de prata; aquele homem teve paralisia cerebral. Um homem que tem uma deficiência, acredita nele, e faz o que eles fizeram, porque nós, que somos saudáveis, temos formação, temos poder, não temos coragem de pensar como essa gente, de forma positiva, e fazer as coisas que têm que ser feitas?

Todos nós, de manhã, precisamos levantar. Se quiserem xingar o Presidente podem xingar, não tem problema, não tem nenhum problema, se quiserem ir ao banheiro desabafar contra a Caixa Econômica podem, contra o Mares Guia podem, contra o Furlan podem, mas depois que vocês xingarem o que vocês quiserem xingar, na hora em que vocês saírem do banheiro, olhem para a frente e falem: “eu sou brasileiro e não desisto nunca”. E o melhor deste país somos nós mesmos.

Muito obrigado e parabéns.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República
